

A retração

GAZETA MERCANTIL

15 ABR 1998

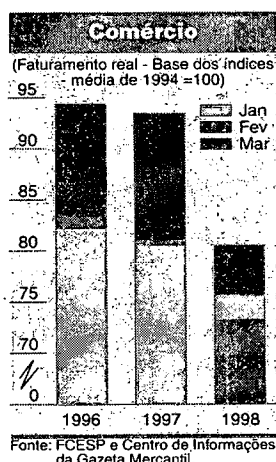
avança em mais um trimestre

Queda da taxa de juro só terá efeito mais adiante

Alexandre Calais, Sônia Salgueiro e Regina Bonomo de São Paulo

O crescimento econômico foi praticamente nulo no primeiro trimestre e os negócios tendem a continuar retraídos no segundo trimestre. Vários indicadores econômicos mostram desaceleração: o faturamento do comércio caiu 12,72%, em relação a 1997, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe apresentou deflação pela oitava semana consecutiva e a inadimplência continua em alta, com um número de 10,3% maior de títulos protestados no período.

O maior banco privado do País, o Bradesco, por exemplo, divulgou o seu resultado no trimestre com lucro, mas sem entu-



siasmo. O diretor vice-presidente do Bradesco, Dorival Bianchi, diz que o desempenho do banco foi prejudicado pela retração da economia.

Nem a expectativa de redução dos juros na reunião

de hoje do Comitê de Política Monetária (Copom) é vista com otimismo. "O juro está caindo, mas a economia não se reativa com um aperto de botão. Ainda teremos rescaldo do ano passado e a influência do estoque de créditos inadimplentes", diz Bianchi.

A falta de perspectiva de aquecimento da economia ainda no primeiro semestre é compartilhada pelo economista Arício Xavier de Oliveira, da MCM Consultoria. Ele diz que o cenário de desaceleração econômica do primeiro trimestre dificilmente mudará antes da segunda metade do ano.

No comércio o desaceleração tende a aumentar, principalmente nas áreas de bens duráveis. As vendas devem registrar quedas até maio ou junho. Isso porque a base de comparação com o mesmo período do ano passado é alta nesses setores e a capacidade de aumentar a renda e o crédito está esgotada.

Na indústria, as estimativas também são negativas. Francisco Faria Júnior, economista da Rosenberg & Associados, lembra que a produção física industrial, calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou um resultado negativo de 2,7% nos dois primeiros meses do ano e nada indica que poderá ser melhor em março.

Um solitário sinal de alento é a elevação da demanda por máquinas agrícolas e equipamentos para a indústria de alimentos e pela construção pesada, especificamente para obras de infra-estrutura. O setor pode ser o primeiro a reagir e espera crescer entre 8% e 10% até o final do ano. ■